

3 O reino do ser

Embora os grupos escolhidos por nós para serem tratados nesta dissertação sejam os da mulher, d@ negr@, e d@ homossexual, no capítulo anterior tivemos oportunidade de perceber que, apesar dos discursos e justificativas diferentes que sempre existiram nas diversas épocas sobre ‘o preconceito e a discriminação’, algumas causas que motivaram e motivam estes fatores geradores de violência são as mesmas dirigidas a qualquer grupo que foge ao padrão antropológico ideal construído pela sociedade ocidental. Por este motivo, acreditamos que ninguém melhor do que Lévinas, filósofo, judeu, conhecedor da Bíblia, que sofreu e viu sofrer as consequências e os absurdos causados pelo ‘preconceito e a discriminação’ às pessoas de origem judaica, para trazer o seu pensamento que, como ele próprio afirma, foi fortemente marcado por essa experiência.

Neste capítulo iremos acompanhar a antropologia filosófica de Emmanuel Lévinas sob o olhar de Luis Carlos Susin²³⁸, numa perspectiva ‘teológica’. Mas trataremos também reflexões de outros comentadores de Lévinas, a fim de enriquecer nossa análise. Seguiremos a trajetória da subjetividade no ‘ser’ em busca da sua autossatisfação, e veremos, como o Ocidente tem fortalecido a superioridade da totalidade e da ‘subjetividade do Mesmo’, por uma dialética autolegitimadora que neutraliza a ‘diferença’ e incentiva o ‘preconceito e a discriminação’ ao diferente. Conheceremos também a solução que Lévinas aponta para modificarmos a sociedade ocidental, e finalmente, com base nas reflexões feitas, procuraremos responder as perguntas que formulamos no capítulo anterior.

De acordo com Lévinas, a solução para a sociedade ocidental diminuir ou amenizar a violência que temos vivido por séculos, e vemos atingir um alto grau de ‘crueldade’ na contemporaneidade, não está nos absolutismos, nem nos universalismos, mas na experiência metafísica, situada por ele como ‘ética’.

A ética é a filosofia primeira, aquela a partir da qual os outros ramos da metafísica adquirem sentido. A questão primeira pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como ‘diversamente de ser’ e ‘transcendência relativamente ao mundo’, aquela sem a qual, ao invés, qualquer outra interrogação do pensamento é apenas vaidade e corrida atrás do vento.²³⁹

²³⁸ Seguiremos o seu livro *O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*.

²³⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2007, p. 8.

Segundo Philippe Nemo,²⁴⁰ esta tese é essencial no pensamento de Lévinas, a quem chama de “filósofo da ética: o único moralista do pensamento contemporâneo”.²⁴¹

Para Luiz Carlos Susin, a obra de Lévinas, especialmente sua antropologia, é possível de ser estudada em um ‘contexto teológico’ porque para este filósofo a humanidade do homem ou da mulher se refere à sua ‘vocalização transcendental’.

O homem²⁴² vem ao ser, relaciona-se e separa-se no ser, domina ou sofre o ser, mas o ser não contém o homem. É para além do ser, na relação ao bem e ao infinito, como criatura pensada e eleita, nomeada e chamada à existência para uma missão que comporta ser e agir, mas também doar e imolar o ser, obra de paciência, que se descortina uma vocalização para o homem. Esta ultrapassagem do ser na vocalização é possibilitada ao homem porque o homem é relação ao outro: a subjetividade é pensada na relação à alteridade – o outro homem e Deus. Assim também a finitude e a dramaticidade do homem são pensadas na relação ao infinito e aos desígnios do bem.²⁴³

De acordo com Susin, na antropologia de Lévinas existem dois reinos. O primeiro é o ‘reino do ser’, onde o ‘ser’ torna-se soberano para dar a última palavra, como princípio e ultimidade. “Um reino que abarca todos os horizontes (o mal e o bem) e depois, o reino do Bem, que se estende para além dos horizontes do ser, ao firmamento, ao infinito”.²⁴⁴ É exatamente, pela ética que o ser pode alcançar o reino do Bem, e humanizar-se.

Em cima dessa linha de raciocínio acompanharemos neste capítulo a trajetória antropológica da subjetividade no reino do ser, como ela se comporta diante do ‘outro’ até sua entrada no ‘reino do Bem’.

Para entendermos o pensamento de Lévinas, no entanto, acreditamos ser importante conhecer, pelo menos resumidamente, um pouco da sua biografia e obra.

²⁴⁰ Escreveu a apresentação do livro ‘Ética e Infinito’, e entrevistou Lévinas neste livro. Os diálogos foram gravados pela France-cultura em Fevereiro e Março de 1981, e posteriormente adaptados e completados pela editora para a edição do livro.

²⁴¹ LÉVINAS, *Ética*, p. 8.

²⁴² Apesar de procurarmos fazer sempre a diferenciação entre ‘homem e mulher’ nesta dissertação, Lévinas e Susin usam a palavra ‘homem’ referindo-se aos dois sexos, generalizando. Sempre que pudermos, faremos a distinção, ou usaremos ‘humano’, ‘ser’, ‘ser humano’, ‘indivíduo’, ‘sujeito’, ‘pessoa’, etc, mas quando estiver em citação conservaremos como tal. É importante aqui colocar que em correspondência, Susin reconheceu a necessidade de adequar-se à nova consciência e linguagem inclusiva de gênero, e explicou que esta não era utilizada no tempo da elaboração de sua obra.

²⁴³ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P.A: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes. RS/RJ, 1984, p. 13.

²⁴⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 15.

3.1.

Emmanuel Lévinas

Nasceu em Kaunas, na Lituânia, no ano de 1906. Desde pequeno teve contato com os clássicos da literatura russa, pois seu pai era dono de uma livraria, o que lhe possibilitou a leitura de Tolstói, Gogol, e principalmente Dostoiévski. Ao mesmo tempo, como judeu, era constante a leitura da Bíblia.²⁴⁵

Em 1916, com oito anos, teve que ir para a Ucrânia a fim de fugir da Guerra Russa. No entanto, com a expansão da Revolução Bolchevique que incorporou a Ucrânia em 1920 à Rússia, Lévinas em 1923 mudou-se para a França, onde acabou se naturalizando. Estudou com Husserl e Heidegger, tendo sua tese de doutorado versado sobre a Teoria da Intuição na fenomenologia de Husserl.²⁴⁶

Casou-se em 1932, e em 1935 nasceu sua primeira filha e lançou sua primeira obra filosófica: *De L'évasion*, no V Tomo de *Recherches philosophiques*.

Em 1939, durante a Segunda Grande Guerra foi convocado pelo exército francês para servir de intérprete das línguas russa e alemã, porém, em 1940 foi capturado pelos nazistas, tornando-se prisioneiro de guerra.

Sua esposa e filha permaneceram em Paris e sofreram as perseguições nazistas. Inicialmente, foram protegidas pela comunidade judaica, mas em 1943, mãe e filha, para escapar do holocausto, esconderam-se no convento das Irmãs de São Vicente de Paula, em Orleans.²⁴⁷ Seus pais e irmã foram mortos pelos nazistas na Lituânia, e a sogra desapareceu após ser deportada.

Lévinas esteve preso em ‘campos para oficiais’, na Bretanha e na Alemanha, onde ficou até o final da guerra. Segundo os prisioneiros, Lévinas carregava sempre um caderno, e quando lhe era possível, nele fazia anotações que no final da guerra se transformaram no livro *“Le Temps et l'Autre”*, publicado em 1947.

Ao retornar à França após a guerra, de 1946 a 1964, dedicou-se à direção da Escola Normal Israelita Oriental de Paris e ao ensinamento da filosofia no Collège Philosophique. A partir de 1964 lecionou na Universidade de Potiers, na

²⁴⁵ IHU ON-LINE. *Emmanuel Lévinas – biografia*. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2223&secao=277. Acessada em 10/05/2011.

²⁴⁶ PILONETO, Luiz Éderson *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: http://lampiaoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-pilone-to-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

²⁴⁷ MELO, Nélcio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, RS, 2003, p.15.

Universidade de Nanterre, na Sorbonne, etc.²⁴⁸ Durante todo este tempo, e mesmo após parar de lecionar, continuou a escrever suas reflexões filosóficas que se tornaram respeitadas em todo o mundo através de suas obras. Entre elas:

Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1961. (Totalidade e Infinito. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.); Quatre lectures talmudiques. Paris: Minuit, 1968. (Quatro leituras talmúdicas. Trad.: Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.); Humanisme de l'autre homme. Montpellier: Fata Morgana, 1972. (Humanismo do outro homem. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993); Ethique et infini. Dialogues avec Philippe Nemo. Paris: Librairie Arthème Fayard et Radio France, 1982. (Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo. Trad.: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988), etc.²⁴⁹

Morreu em 25 de dezembro de 1995.

3.1.1.

Lévinas e o mundo do ser.

Como constatamos, Emmanuel Lévinas vivenciou duas grandes guerras. Durante a primeira fugiu duas vezes, e na segunda esteve preso em campo de concentração podendo sentir e presenciar os horrores do nazismo.

Ficou longe de sua mulher e filha por cinco anos, perdeu pai, mãe, irmã, viu inúmeros companheiros serem torturados e mortos: cerca de seis milhões de judeus.

Viveu em uma sociedade caracterizada pelo darwinismo social, político e cultural. Sociedade que vivia a guerra e ansiava a paz através da dominação do ser humano sobre 'outro' ser humano, submetendo-o aniquilando-o totalmente, transformando-o em objeto manipulável, sem a menor dignidade, sem alteridade.

Presenciou como o humano pode se tornar desumano, vendo "o menosprezo no rosto dos vencidos, e a indiferença pela vida e pelo 'outro' no rosto dos vencedores".²⁵⁰ Uma sociedade insensível onde o egoísmo era a marca registrada em qualquer um que procurasse estabelecer relacionamentos. "Não havia compromisso para com o Outro, portanto, não havia co-responsabilidade.

²⁴⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 12.

²⁴⁹ WICKIPÉDIA. A ENCICLOPÉDIA. Disponível em site. http://en.wikipedia.org/wiki/Emmanuel_Lévinas. Acessado em 14/08/2010.

²⁵⁰ No texto de 'Piloneto', encontramos a tradução de 'visage' como 'rosto', mas Susin coloca como 'olhar'. Conservamos 'rosto' por ser uma citação. Cf. PILONETO, *A ética como...* Disponível em site: http://lampiaoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-piloneto-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

Segundo Levinas, a sociedade estava marcada por um anti-humanismo.”²⁵¹

Estas terríveis experiências levaram Lévinas a refletir de modo profundo sobre o ser humano e a formular sua antropologia filosófica que, embora traga convergências com o seguimento fenomenológico de Husserl, traz também acentuadas divergências que a configuram segundo características próprias e únicas, na forma de perceber o ser humano.

Susin, no início do seu livro, nos alerta para o fato de que na contemporaneidade, apesar de todo o progresso tecnológico que atingimos, a paz ou a violência continua nas mãos do ser humano:

O progresso das ciências e da técnica, a emancipação e as facilidades criadas, não asseguram por si mesmas contra a violência de uns sobre outros, contra a injustiça para com as lágrimas e o sangue misturados à ordem e ao progresso, mas se tornaram ‘faca de dois gumes’ nas mãos do homem que pode instaurar a paz, mas também aumentar a violência. É no humano que se decide o resto.²⁵²

De acordo com Lévinas o ser humano é um homem-em-relação e a existência é uma transcendência. Mas sua subjetividade está voltada para si mesma, e é necessário despertá-la para esta transcendência e para o ‘outro’. No entanto, o pensamento filosófico ocidental fundamenta a organização da subjetividade e seu relacionamento com o ‘outro’ na autoafirmação de uma consciência autônoma e racional que incentiva a assimilação do ‘outro’ no si mesmo, e procura através de suas mediações: história, estado, religião, ciências, etc, justificar e legitimar uma forma de pensar o ‘outro’, partindo de princípios universais. Este pensamento encontra na autovalorização da epistemologia²⁵³, da ética e da política, os elementos necessários para a assimilação do ‘outro’ porque parte de uma ‘mesma’ matriz racional e identitária, a qual todos devem seguir, por ser considerada a mais legítima e desenvolvida na história da civilização. Dessa forma, “as outras culturas, religiões e organizações sociais passam a ser hierarquizadas e julgadas sempre a partir desta posição referencial.”²⁵⁴ É o mesmo procedimento que nos referimos no primeiro capítulo. Há um modelo de ser humano considerado como ideal e este deve ser seguido. Todo aquele@ que fugir

²⁵¹ PILONETO, A *ética como...*

²⁵² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 11.

²⁵³ Conhecimento humano que reflete sobre a sua natureza e validade. Cf. HOUAISS. *Dicionário Houaiss...*

²⁵⁴ MIRANDA, José Valdeine. *Ética da Alteridade e Educação*. UFRS. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 2008. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em 10/11/2010.

ao referencial universal proposto de gênero, raça, sexualidade, religião, etc, será discriminado, excluído ou perseguido. E a subjetividade é estimulada a continuar em seu movimento de retorno a si mesmo, buscando transformar o ‘outro’ em um ‘Mesmo’.

Lévinas condena e questiona o rumo que a filosofia ocidental seguiu e sua escolha pelos princípios universais em detrimento da singularidade do ser humano, e de sua transcendência. Traz em suas reflexões uma importante análise do desenvolvimento da subjetividade.

É importante registrar que, diante da grandiosidade, e complexidade do pensamento de Lévinas, da profunda e extensa abordagem feita por Susin sobre este pensamento, foi necessário fazer um recorte voltado para o tema desta dissertação. Estamos cientes de que até mesmo este recorte não conseguirá ser completo, nem tão profundo como gostaríamos, pois o tema é muito extenso. Mas desejamos neste capítulo trazer, segundo Lévinas, a trajetória da subjetividade no ‘mundo do ser’ e como ela se comporta frente à alteridade, a fim de nos ajudar na compreensão do comportamento do ‘ser’ no mundo²⁵⁵ para chegarmos à única possibilidade de inversão do movimento do ‘eu’, a ‘ética,’ e termos, como sugere Lévinas, um ‘melhor que ser’. Com isso pretendemos iluminar o estudo das três categorias que mencionamos anteriormente: a mulher, @ negr@ e @ homossexual.

3.2.

O ‘eu’ no mundo do ser

Na ética levinasiana, a subjetividade tem grande importância. Ela determina as relações entre as pessoas, tornando possível a vivência da ética com a quebra da totalidade do ‘ser’ voltado apenas para si mesmo. Segundo Lévinas, a subjetividade é “fundada na idéia do infinito”.²⁵⁶ Para entendermos a complexidade desse processo, acompanharemos a formação da interioridade, e o

²⁵⁵ Nosso foco, neste capítulo, será mostrar como o indivíduo se desenvolve e comporta no mundo do ser’ em busca de sua felicidade’, de modo a relacioná-lo com o ‘preconceito e a discriminação’ que vimos no capítulo anterior. Como este desenvolvimento é muito complexo e extenso, para não nos alongarmos excessivamente, não traremos, nessa dissertação, detalhes ‘minuciosos’ do processo, nem as diferenças do pensamento de Lévinas e dos demais filósofos. Contemplaremos os aspectos gerais mais importantes ao tema do ‘preconceito e discriminação’ que possam ajudar a nossa compreensão.

²⁵⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, Portugal, 2008, p.12.

movimento da subjetividade do ‘mundo do ser’.

Para Lévinas, a primeira relação do ‘eu’ no ‘mundo do ser’, “é uma relação de gozo²⁵⁷ e de alegria de viver (jouisement)²⁵⁸, uma ‘fruição’ do mundo na ‘fricção’ ao mundo, gozo que comporta também a surpresa, o perigo e a dor”.²⁵⁹

Uma relação que, embora envolva ‘surpresa, perigo e dor’, é boa e positiva, pois se trata de uma relação de prazer que acontece através da boca e dos alimentos. O alimento, porém, vai além da boca, pois qualquer coisa pode servir de alimento ao prazer de viver, e alimentar a felicidade. Após a consumação do alimento e o prazer, o ‘eu’ volta a si mesmo para repousar em si. Mas a relação com o mundo não termina aí. O mundo se coloca entre o ‘eu’ e o ‘si mesmo’, fazendo com que o ‘eu’ não retorne logo a ‘si mesmo’. Ele faz “uma volta pelo mundo, atravessa um espaço, acaba por ex-tender-se, e assim se dis-tende e se desenrola, ou se desatola de si mesmo, num primeiríssimo êx-tase”.²⁶⁰

Ao final dessa trajetória feliz surge uma lembrança e uma necessidade que reconduzirá sempre o ‘eu’ através do mundo para si mesmo. Um retorno que será feito procurando saciar a ansiedade do ‘eu’ por si, ou seja, uma forma original da identificação que busca a própria felicidade.

Essa transcendência instantânea, Lévinas explica ser uma transcendência que se dá na imanência. Um ‘egoísmo estrutural do ser no mundo’, necessário ao nascimento do ‘eu’, e que ocorre antes de existir qualquer problema de consciência. Ocorre quando ainda o ‘eu’ não tem referências à outra pessoa, é surdo e não quer se comunicar. O ‘eu’ como está faminto, quer nutrir-se, mas não se relacionar. Para Lévinas, “a solidão e o egoísmo são características do homem feliz que goza do mundo”.²⁶¹ e pela mediação do mundo ‘dá-se a si mesmo’.

Quando o ‘eu’ atinge a felicidade, esta vai servir para encobrir a alteridade

²⁵⁷ É importante colocar que como Lévinas usava palavras e expressões marcantes em suas reflexões filosóficas, e Susin fez questão de mantê-las. Neste capítulo conservaremos alguns termos e expressões importantes usados por ele, desejando ser fiel ao seu pensamento. Só faremos modificações quando o uso dessas palavras nos levarem ao risco de dificultar a compreensão do tema.

²⁵⁸ “Jouisement” ou “jouissance” pode ser traduzido por “gozo”, mas de modo largo como fruição, alegria de viver, vibração no contato com o mundo, com toda gama de conotações, que vão do corpo, do afetivo até o grau mais espiritual. A vibração da sensibilidade no sofrimento também se inclui em “jouisement”, no pensamento de Lévinas. É palavra-chave na análise da existência, na filosofia do nosso autor. Cf. SUSIN, *O homem messiânico*, p.35. Nota 12.

²⁵⁹ IDEM. Ibidem.

²⁶⁰ IDEM. Ibidem.

²⁶¹ IDEM. Ibidem, p. 39.

ou seja, a diferença, o ‘outro’, colocando todos felizes no mundo do ‘eu’. Como exemplo citamos aquela pessoa que vive sem se chocar com nada, ou a criança pequena que está centrada nela mesma. Elas se sentem como centro do mundo, só o seu ‘eu’ importa. Lévinas se refere a isso como ‘consciência biológica ou consciência vital’.

De acordo com Lévinas, ‘a promessa e a vontade de ser feliz’ fazem parte da trajetória do ser, mas são anteriores e estão acima do ser. Estes são os motivos pelos quais é possível uma pessoa preferir a morte diante da perda de valores e promessas que julga serem essenciais. Se o indivíduo perder a esperança que vai alcançar a felicidade, auto-realizar-se, viver deixa de ter significado para ele. “Com eles morremos e, por vezes, preferimos morrer a passar sem eles.”²⁶²

No nascimento, “a sensibilidade é apenas sentimento, afetividade, afetação e consentimento”.²⁶³ Originariamente, a sensibilidade no ‘ser’ se contenta com a finitude, atendendo ao que for imediato. Ela se encontra em um mundo elementar, não precisando recorrer a fundamentos, pois ela não faz distinção, não tem entendimento. O que sente, percebe como verdade, sem se preocupar em distinguir. “A sensibilidade essencialmente ingênua basta-se num mundo insuficiente para o pensamento”.²⁶⁴

3.2.1.

Da interioridade à subjetividade

De acordo com Lévinas, o psiquismo original e originante do ‘ser’ desde a sensibilidade abre espaço à interioridade, e quando o ‘eu’ em sua volta pelo mundo dá o consentimento afetivo à relação de gozo, surge o psiquismo que sente. “No sentir começa a interioridade do ‘ser’, acarretando o surgimento da ego-idade. A sensibilidade [...] a partir da fruição dos elementos não pertence à ordem do pensamento, mas à do sentimento, ou seja da afetividade onde tremula o egoísmo do eu.”²⁶⁵

Susin chama a atenção para o fato de que, para Lévinas o surgimento do psiquismo acontece ‘antes do saber’, e através do contato com uma exterioridade.

²⁶² LÉVINAS, *Totalidade e...*, p.101.

²⁶³ IDEM. Ibidem.

²⁶⁴ IDEM. Ibidem, p. 128.

²⁶⁵ IDEM. Ibidem, p. 127.

Nem o psiquismo nem a sensibilidade que condicionam o ‘eu’ estão ligados ao racional, mas no psiquismo ocorre o que Lévinas chama de independência dependente. A felicidade e o gozo se identificam com o ‘eu’: ‘eu sou feliz’. O prazer sentido pelo saciar do alimento (comida, carinho, dinheiro, etc) faz o ‘eu’ se achar pleno, único, soberano, acreditando que é autossuficiente. Com isso o ‘eu’ em seu retorno a si mesmo, não fica apenas como um consumidor do ‘outro’, mas rompe com a totalidade dos elementos permitindo-se ser autossuficiente e livre: egoísta, sem problema de consciência, um egoísmo ‘inocente’ de si.

Quando o ser sai em busca da sua felicidade, a alteridade não é limite para ele, ao contrário, surge como oportunidade ao ‘eu’. O ‘outro’ não é reconhecido como diferente de si mesmo, e o ser aproveita para usufruir ao máximo a relação. “No gozo o eu não se opõe à relação, [...] usufrui, explora, consome e volta feliz a si mesmo”.²⁶⁶ O ‘reino do ser’ é feito daquilo que o alimenta, em um mundo que ele percebe como tendo sido feito para ele, não existindo mais nada, nem razões, nem limites. Dessa forma, o ‘eu’ “pode viver liberto de todas as implicações, de todos os prolongamentos que o pensamento oferece”²⁶⁷ O ser, então, está no mundo apenas corporalmente para usufruir o gozo soberanamente, mas não se sente parte do mundo, nem se integra no mundo, existindo apenas em si mesmo.

Quando o ‘eu’ rompe com a ‘totalidade dos elementos’, realiza um movimento contrário à extensão. Faz um movimento centrípeto, uma involução a si mesmo. Nesse caso, o ‘eu’ parece ser autônomo, não vindo de nenhum lugar, como se viesse de si mesmo. O ser, então se vê como sujeito, soberano e soberbo. Uma soberania que traz uma dependência a alguém ou alguma coisa, no domínio de onde o ‘eu’ depende.

Para Lévinas:

A identidade do eu-no-mundo se mantém perseverando nessa soberania, nesse primeiro domínio de consumação do outro, nesse retorno a si, nessa separação e nessa autossuficiência, nesse egoísmo ‘justo consigo mesmo’, sem referências senão a si e nesse ateísmo feliz.²⁶⁸

Lévinas acredita ainda que este rompimento com a totalidade, esta separação possa vir a ser radical, não sendo apenas uma separação, eu-mundo,

²⁶⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 44.

²⁶⁷ LÉVINAS, *Totalidade e ...*, p.131.

²⁶⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 46. Cf. nota 65.

mas também uma separação de causa-efeito e criatura-criador.

Para Susin, este filósofo encontra no *ex-nihilo*²⁶⁹ da Bíblia uma indicação da origem (ou não origem) ontológica do humano:

Ser ‘para si’ numa dependência é por um lado, não ser ‘vindo-de-si.’ E no entanto, poder retornar a si como identificação, como voltar à interioridade de onde se partiu, é não ser ‘vindo-de-outro’. Nem de si, nem de outro, é ontologicamente *ex-nihilo*. É um absoluto, absolvido de causa, sem origem.²⁷⁰

Isto nos indica que o ‘eu’, ao considerar-se um ser para si, no gozo do mundo, percebe que sua origem possa ser independente de um Infinito, de uma eternidade, da divindade, e que sua existência não tenha relação com um criador. Essa percepção do ‘eu’ *ex-nihilo*, Lévinas diz ser o ateísmo, que de acordo com ele, ‘é importante e necessário para a subjetividade’.

A subjetividade leva a superação de todos os elementos míticos, divinizados, em relação às forças da natureza, e a terra. Pela subjetividade consegue-se ser simplesmente ‘eu’. Segundo Lévinas, “O ser separado deve correr o risco do paganismo que atesta a sua separação e onde essa separação se realiza, até ao momento em que a morte desses deuses o reconduzirá ao ateísmo à verdadeira transcendência”.²⁷¹ O pensamento é ateu e não existe uma obrigação ontológica de se aderir a um Deus. O ser acredita que é *ex-nihilo*, que ninguém o criou.

De acordo com Susin, o ateísmo desta interioridade ou subjetividade inocente, no pensamento de Lévinas não está negando Deus. Simplesmente não está preocupado com Deus. Trata-se de não precisar professar ou pensar qualquer relação pessoal com a divindade, pois o ser não está exigindo a presença de Deus, podendo até rejeitar esta presença.

Quanto à religião, Lévinas afirma que só haveria uma religião autêntica se a mesma fosse fundada em cima dessa não exigência de Deus por elementos naturais ou pelo pensamento. Nesse caso, a religião seria ‘fruto de uma revelação não-natural, entre ab-solutos’, e poderia até ser recusada.

²⁶⁹ *Ex-nihilo* - vir do nada, do Infinito, de uma separação ao invés de uma origem comum. Cf. BRANDER, Elza Cristina de Lima A. Amorim. *Ética como responsabilidade na filosofia de Emmanuel Lévinas*, p.8. Disponível em site: <http://www.scribd.com/doc/7207601/Levinas-Etica-Como-Responsabilidade-Na-Filosofia-de-Emmanuel-Levinas> . Acessada em 07/09/2010.

²⁷⁰ SUSIN, *O homem messiânico* , p. 46.

²⁷¹ LÉVINAS. *Totalidade e ...* , p. 134.

Só uma ‘revelação’ diferente desta condição natural no ser poderá modificar esta situação, tornando possível ao ‘ser’ descobrir que é criatura e que existe um criador. Susin descreve este processo de separação do ‘eu’ do mundo até ao ateísmo, como sendo uma espécie de ‘transcendência do eu’. O ser não se criou, mas vai se permitir ser o único senhor de si mesmo, numa relação soberana com o mundo onde o próprio ‘eu’ comanda e dá um sentido para si, tornando-se o primeiro, o ‘príncipe’, soberano absoluto no reino do ser.

Para Lévinas o ateísmo possui um lado positivo, e o batiza como ‘glória do criador’. A glória de Deus não estaria no fato de Deus ser Deus, criador de tudo e de todos. Esta glória estaria na sua bondade, sem o menor egoísmo, na concretização do bem. Sua glória consistiria, antes, em existir um universo sem criador e sem limites, onde alguém *ex-nihilo* reina.

Entretanto, Lévinas chama a atenção para o fato de que este mesmo Deus deixa o ser livre para agir como desejar. O ser tem liberdade para permanecer na soberania do ‘eu’, ou para se proteger desse ‘absoluto’, e recorrer a uma integração num todo. Para ele:

Dessa integração surgem as religiões, as filosofias ou as políticas de unidade, de monismo, de sistema [...] ou a participação mítica à divindade, ao ser, ao destino, à história, à hereditariedade, ou ainda o conformismo, a abdicação num “nós tribal ou social, etc.”²⁷²

Quando a subjetividade diz ‘eu’, colocando-se na primeira pessoa, significa estar vivendo na ‘soberania da interioridade’. Quando esta é conduzida a ‘ele-ela’, na terceira pessoa, a ligação é feita com a objetividade, a totalidade, a história, o universal, o conceito.

Segundo Susin, este ser aqui apresentado por Lévinas seria ainda um vivente, um ser que não conhece possibilidades melhores. “Vive de sua sensibilidade, das suas necessidades, no exercício de seu poder de saborear, de coincidir e de absorver pelo gozo a totalidade do universo, vivendo por isso de modo ‘intimista’”.²⁷³ Ele o associa ao “primeiro Adão”, mostrando que há positividade existente nesse primeiro ser, pois a separação existencial que ocorre do todo, o fez nascer como um ‘ser livre’ e capaz de ‘relação metafísica’. De

²⁷² SUSIN, *O homem messiânico*, p.50.

²⁷³ IDEM. *Ibidem*.

acordo com Lévinas, só “um ‘eu’ sem raízes, sem passado, solitário e autossuficiente em sua solidão, pode também se abrir ao ‘outro’ sem totalitarismo”.²⁷⁴

Este vivente que antecede ao animal racional é aberto a múltiplas possibilidades. Todo ser, inicialmente, é vivente, e pode permanecer como tal, tornando-se um animal feliz. Nem mesmo elementos da racionalidade como a economia, a produção, a arte, a teoria, a cultura e a política, etc, podem modificá-lo se este ser permanecer no movimento centrípeto, voltado só para si mesmo. Esses elementos racionais podem até torná-lo animal racional, belo, prático, saudável, político, culto, etc, mas não há nada que possa forçá-lo a modificar essa atitude de vivente, natural, se ele próprio não quiser se relacionar com o ‘outro’.

3.2.2.

O mundo econômico

Na busca do prazer, o movimento do ‘eu’ leva o ser ao desconhecido, provocando tensão e ansiedade. Este desafio ao desconhecido pode ocorrer de várias formas, pelo esporte, dança, jogos, etc. Mas qualquer um deles ao finalizar, leva a inquietação também finalizar, e o ‘eu’ volta a si mesmo. Já na relação com o meio ambiente, isto não acontece, pois este se encontra sempre presente, e não pode ser possuído, apenas aproveitado. É o caso da terra. Podemos aproveitar sua fecundidade, mas não a terra. Podemos usufruir a água, mas não todo o mar.

O elemento que o meio ambiente nos apresenta é imenso, e acima das possibilidades de posse do ‘ser’. O ser só pode usar o meio ambiente, retirar dele sua nutrição para viver, mas não consegue se apossar do todo.

Esta indefinição junto com a instabilidade e inconstância desses elementos faz surgir no ‘eu’ uma insegurança, provocando a tentação da adoração dos elementos da natureza. Além de inconstantes, estes elementos da natureza possuem espessura própria e uma resistência que obriga a sensibilidade à “adiar a boa hora do gozo a fim de assegurá-la para amanhã”.²⁷⁵ Esse é o mundo da economia. A fruta que hoje se colhe, amanhã não poderá ser usufruída, pois sua

²⁷⁴ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 106.

²⁷⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 53.

colheita depende do tempo, do clima, da época do ano, etc. Dessa forma, surge a necessidade de se assegurar do futuro, provocando uma tensão do presente em relação ao tempo futuro. O momento certo para usufruir a boa hora do gozo, e o momento para guardar. Perde-se a noção do imediatismo, surgindo o tempo, a técnica e a consciência econômica.

É preciso, então, um projeto que assegure economicamente o gozo. Uma vitória sobre o desconhecido na qual o mundo venha a ser uma ‘casa permanente e organizada.

Essa organização do mundo da economia segue o mesmo processo da identificação no gozo. O ‘eu’ sai e se relaciona no mundo, mas agora surgem as novidades do trabalho e da produção. Em seguida vem o retorno do eu em si mesmo, porém, importando e conservando o mundo exterior como propriedade estável. “Esta nova forma de viver faz surgir novas categorias e leis no ser: a fundação de um lar; a casa”.²⁷⁶

De acordo com Evaldo A. Kuiava,²⁷⁷ “a condição a partir da qual, [...] o homem faz ‘economia’ – busca para assegurar a estrutura do gozo para o amanhã – é a casa.”²⁷⁸

Para Lévinas, a casa não é apenas um lugar para se morar, afastado do resto do mundo. A casa é um lar, pois é o lugar onde se vive o recolhimento da vida interior, a intimidade, o afeto, e a porta da casa é a separação entre o mundo que se estende e o espaço interior do ‘eu’. A casa é a responsável por ligar corporeidade e materialidade à interioridade. Da casa o humano vai ao mundo e o mundo gira em torno da casa, mas a casa é um importante ponto de referência que impede o ‘eu’ de se perder no mundo.

A casa antecede o atuar economicamente, e é a condição necessária para o fazer e o saber econômico. É ela que traz a possibilidade de se conciliar o adiamento do gozo com o tempo da economia. A casa é o centro de um mundo econômico, de onde se organiza a economia, e impede o esvaziamento imediato do gozo. Torna possível haver o mundo econômico, e permite ao ‘ser’ conservar a sua interioridade. Nela o ‘eu’ pode se espalhar.

²⁷⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p.54.

²⁷⁷ Professor e diretor do Centro de Filosofia e Educação – CEFE. Autor dos livros *Ética, Política e Subjetividade*; *Filosofia, formação docente e cidadania*; etc.

²⁷⁸ KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, p. 163.

Para este filósofo a figura feminina tem um papel importantíssimo, pois é através da mulher que o lar oferece o afeto necessário para a ligação entre interioridade e casa, com as condições necessárias para a suspensão do gozo e o necessário recolhimento ao ‘outro’. Para ele, “a mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da casa e da habitação”.²⁷⁹

A primeira alteridade completa está na diferença do humano feminino para o humano masculino. Entretanto, é importante frisar que não se trata de uma diferença de conteúdo empírico ou psicológico ou sociológico, e sim no sentido de ‘ser’.

Segundo Lévinas, a mulher é calor humano, afeto, doçura. Uma doçura que se espalha e possibilita haver um espaço interior para fortalecer o ‘eu’. Entretanto, é importante acrescentar que, embora para este filósofo a mulher seja um dos pontos cardeais para a vida interior, “a ausência empírica do ser humano de ‘sexo feminino’ numa morada nada altera à dimensão de feminilidade que nela permanece aberta, como o próprio acolhimento da morada”.²⁸⁰ Quando Lévinas se refere ao feminino não significa que ele esteja apontando à mulher, enquanto gênero, do mesmo modo que o masculino não se relaciona necessariamente ao homem, mas à dimensão da afetividade. O feminino traz a dimensão da familiaridade, da hospitalidade, etc, e o masculino, a dimensão da caça ao elemento, da construção da obra, etc. A diferença é econômica, e importante para a passagem do gozo imediato ao mundo econômico.

A mulher é a ligação entre alteridade e feminilidade, e a novidade da relação erótica está em distingui-la dos elementos do gozo. De acordo com Magali Menezes,²⁸¹ “ao invés de se dividir a humanidade em duas espécies, deveria se mostrar que o feminino e o masculino são próprios de todo ser humano”.²⁸² A sexualidade e a diferença ‘masculino-feminino’ são condições para a existência do mundo econômico.

A relação erótica segue a mesma dinâmica que nós vimos do gozo. Há um êxtase, uma consumação e um retorno. Há um retorno em si que passa pelo

²⁷⁹ LÉVINAS, *Totalidade e ...*, p. 148.

²⁸⁰ IDEM. Ibidem, p.150.

²⁸¹ É filósofa de diversos artigos: Da academia da razão à academia do corpo; A trama do corpo e da palavra em um dizer que se faz feminino; O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino; etc.

²⁸² MENEZES, Magali M. *O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino*. Revista de estudos feministas, vol. 16, nº 1, Florianópolis, S.C., Jan/Abr, 2008.

‘outro’, embora na verdade “seja um dar-se a si mesmo através do ‘outro’”.²⁸³ Lévinas percebe na busca amorosa um relacionamento solitário a dois que chama de ‘egoísmo a dois’. Porém, neste relacionamento egoísta permanece a dualidade e a transcendência de ambos, pois o ‘outro’ não é consumido. É um relacionamento necessário e positivo. Trata-se de um relacionamento que traz ‘intimidade’.

A mulher para Lévinas é, ao mesmo tempo, presente e porta do futuro. Através do filho, pela fertilidade, impõe-se como o ‘futuro no ser’. Nesse caso, o *eros* é a possibilidade de uma descendência, de um futuro do eu, e a família é a possibilidade de concretização do lar e da economia.

No mundo econômico, o ‘eu’ continua a viver em relação e separação. A independência econômica é tirada da dependência ao mundo, através da submissão ao trabalho, ao domínio e à importação. O ser pode tornar-se um soberano através da habitação, das posses, e do dinheiro, passando “a economia a ser, então, garantia de continuidade de um paraíso terrestre”.²⁸⁴ A permanência nesse paraíso dependerá do trabalho e da posse.

O ser vive em um mundo exterior, e relaciona-se com ele economicamente. O mundo é feito para ele, e através do fazer econômico e do ter, incorpora o mundo a si.

De acordo com Susin, se seguirmos o pensamento de Lévinas, o ser é soberano :

A inversão fenomenológica, o fato de o ‘anterior’ chegar ‘a posteriori’, a ausência de leis externas ou divinas no universo, tornam o homem inteiramente soberano e inteiramente responsável pelo mundo. [...] O homem é existencialmente soberano e nada resiste à sua apropriação.²⁸⁵

Dessa forma, o ‘eu’ pode perseverar em sua soberana solidão, ou então ser conduzido pelo afeto familiar e a promessa de futuro através da fecundidade e do filho ao encontro com o feminino, - “a luz que inaugura este novo modo de ser, luz através da qual se vê o mundo da economia”.²⁸⁶

²⁸³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 59.

²⁸⁴ IDEM. Ibidem, p. 68.

²⁸⁵ IDEM. Ibidem, p. 69.

²⁸⁶ IDEM. Ibidem.

3.2.3. O saber

A economia possui leis de representação e por isto precisa de uma racionalidade para poder ser operada, para representar os símbolos, e teorizar a realidade. Assim, o saber surge como uma necessidade econômica, na qual Lévinas procura responder a pergunta: porque e para que é necessário saber.

Para ele, o conhecimento não é apenas um gozo gratuito do mundo. Embora haja o gozo, ele é a ligação com algo fora de si mesmo, e em confronto com a economia, o conhecimento dá uma volta ainda mais ousada no mundo para depois retornar em total soberania.

Para se teorizar, então é necessário haver uma suspensão e um distanciamento do agir, da mesma forma que para poder agir, o ‘eu’ precisa ter um distanciamento do ‘gozo’. O ser está sempre em ação: vive, goza, trabalha, etc, mas a vida não pode ser apenas ação, ela também é ‘pensamento sobre a vida’.

O pensar sobre a vida é um passo à frente no ser. É liberdade na qual o ser é capaz de parar a ação e refazer seu caminho. Susin nos diz que “esta capacidade crítica, complexificação do *sapiens no faber* ²⁸⁷, se apoia num *surplus* ²⁸⁸ de liberdade que toma distancia, e que remonta em contra corrente até às origens do ato”. ²⁸⁹

Cada novidade pela qual o ser passa é uma superação. A base deste salto que nos referimos neste momento é a ‘desconfiança’. Lévinas chama de ‘a primeira perda de inocência’, possível de acontecer por dois fatores:

O primeiro é quando a pessoa considera seus atos como falhos, incompletos e/ou errados devido a uma experiência de fracasso. Dessa experiência surge a teoria como garantia e iluminação do ato. Mas o objetivo principal neste caso é o saber para a compreensão de si e do mundo. Na realidade, uma ‘afirmação de si mesmo’.

O segundo ocorre quando há desconfiança sobre a moral dos próprios atos em relação ao ‘outro’. A teoria, então, surge objetivando ser justa, ou seja, correta pelo aspecto moral. Lévinas afirma que neste caso a teoria está ligada à ética, a uma experiência metafísica, e é necessário haver o reconhecimento de uma

²⁸⁷ Pensante que não age, que pára a ação.

²⁸⁸ Surplus - excesso.

²⁸⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 70.

alteridade. Desta forma, todo o caminho a ser percorrido é fruto de uma recordação crítica que vem de um questionamento originado pela presença do ‘outro’.

Entretanto, um ‘eu’ separado pode continuar ignorando o ‘outro’, surgindo a possibilidade de afirmar sua autonomia pela teoria através de um reforço de correções e potencialização da autonomia. É neste ponto que Lévinas critica e questiona a sociedade ocidental, como já nos referimos na introdução desta dissertação. Trata-se de uma sociedade que escolheu dar prioridade ao si mesmo, usando a moral como freio, e a teoria como forma de defender a liberdade do ‘eu’.

Para ele, a liberdade que aparentemente encontra-se protegida pelo trabalho, no momento em que surge a possibilidade desta liberdade levá-lo ao fracasso, o ‘eu’ desperta a razão para a crítica. Porém, o ‘eu’ crítico não pode se criticar:

Esta liberdade espontânea não critica a si mesma e nem se justifica no seu novo lugar: como olho, não pode se ver. Mesmo quando reflete sobre si, reflete desde um eu ‘desdobrado’ em dois, e o ‘eu crítico’ fica livre e espontâneo fora da crítica, recolhido numa interioridade intocável, como um absoluto inquestionável.²⁹⁰

Nesse caso podemos dizer que a razão provém de uma necessidade de crítica, e ela nos dá condição de analisar tudo e a todos. Porém, a razão não permite analisar o próprio ‘eu’, e sem existir esta possibilidade de crítica, o ‘eu’ torna-se transcendental e puro, com o máximo de interioridade e de soberania.

Como vimos, o saber teórico dá ao ser a possibilidade de superação e de procurar o ‘sentido’ daquilo que faz. Esta busca do sentido é importantíssima para a teoria, existindo, segundo Lévinas, um estágio do ser entre a economia e a teoria. Um estágio sacral onde o ser, normalmente, procura em uma religião o endeusamento tático, uma idolatria originária.

Este estágio começa quando o ser percebe que há algo maior que ele e deseja atingir o que não consegue sozinho. O desejo transforma-se em fome do inatingível, através do sagrado. Mas, essa admiração pelo sagrado tem a finalidade oculta de adquirir o que a pessoa deseja. Pode até parecer que seja um amor desinteressado ao saber, mas na realidade o que existe é a dissimulação de desejo e de conquista. Neste caso a economia está disfarçada no sagrado, mas no

²⁹⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 70.

momento em que se atinge o que deseja, “seculariza e expulsa o sagrado e os deuses no saber dominante”.²⁹¹

O processo do ‘conhecimento’ segue o mesmo caminho e transitoriedade do gozo, da posse, e da economia. O ‘eu’ sai de si, tem contato com a exterioridade, e retorna a si mesmo. Permanece também o fato da interioridade pela teoria conseguir extrair sua independência da própria dependência, e reforçar na relação a sua solidão soberana através da transcendência na imanência. Conhecer nada mais é do que: “possuir, tomar, agarrar, absorver e gozar, mesmo na forma mais lúcida e mais extática”.²⁹² Entretanto, mais uma vez Lévinas chega à independência dependente, onde o ‘eu’ rompe com a totalidade e traz novas categorias e articulações técnicas.

Segundo Susin:

Uma luz exterior que se passa por nada permite haver – ‘luz própria’ -: luz da consciência, intencionalidade, compreensão, identificação, apropriação, absorção, como um ‘trem da vitória’, pois nada no mundo – mundo de dados, objetos que se apresentam à luz, que são fenômenos – pode resistir ao novo poder de ecumenismo, o saber.²⁹³

3.3. O ‘eu’ e o ‘outro’

O clímax do processo do conhecimento acontece na identificação e na consciência do eu, através da autoidentificação. Após a trajetória pelo mundo, o ‘eu’ volta a si confirmado pelo eu-mesmo, devido a uma ênfase de si dada pelo sentido. Neste caso, é importante notar que para Lévinas o sentido de ‘identidade’ é diferente do que é dado na Psicologia. A ‘identidade’ para a Psicologia se refere à identidade individual e pessoal de cada indivíduo. Trata-se de uma construção dinâmica onde o indivíduo toma consciência de si através das relações subjetivas e objetivas, da linguagem e das experiências sociais. É um processo ativo, afetivo e cognitivo da representação de si no ambiente em que se encontra, o que implica o surgimento do sentimento de permanência e de continuidade.²⁹⁴ Já para Lévinas ‘identidade’ é perseverar em si mesmo, transformando o ‘outro’ em si mesmo, no ‘eu’ mesmo.

²⁹¹ IDEM. Ibidem, p. 73.

²⁹² IDEM. Ibidem, p. 74.

²⁹³ IDEM. Ibidem, p. 79.

²⁹⁴ INFOPÉDIA. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: [www: <URL: http://www. infopedia. pt/ \\$identidade- \(psicologia\)>.](http://www.infopedia.pt/$identidade-(psicologia)>) Acessado em 21/01/2012.

3.3.1.

O eu mesmo: afirmação de identidade

Segundo Lévinas, o ‘eu’ é o fundamento e a origem do processo. É o único elemento que permanece em todo o processo de identificação sem se modificar. O mundo, incluindo espaço e tempo, através do gozo, da posse e do conhecimento, é a casa do ser, mas não resiste ao poder de identificação do ‘eu’, e não forma com ele uma totalidade. O que temos no fim é o Mesmo. Na representação dos objetos, o ‘eu’ deixa de ser antagônico a estes. Sobressai então a identidade do ‘eu’ diante da multiplicidade de objetos, mantendo-o inalterável.

O ‘eu’ sai de si, vai ao mundo, e diante do ‘outro’ interrompe o que poderia ser o reconhecimento de sua alteridade, voltando-o para si através da representação do ‘outro’, “transformando o eu em o Mesmo. E o ‘outro’ não permanece outro, mas é assimilado através da representação no Mesmo, só o eu idêntico e mesmo permanece. O outro é então, outro-para-o-mesmo, e finalmente outro-no-mesmo”.²⁹⁵ Para Lévinas, isto é a concretização do egoísmo, e o princípio do idealismo.

O processo de identificação acontece na saída do ‘eu’ ao mundo exterior e retorno a si. A identidade do ‘eu’ toma todo o espaço e não dá possibilidade ao novo de se manifestar. E o ‘outro’ é percebido apenas para ser transformado no Mesmo, ou subjugado ao Mesmo. O interesse no ‘outro’ está apenas em sua tematização para representá-lo conceitualmente. Por sua vez, é importante frisar, como diz Kuiuva, “o ‘outro’ ao ser objeto de tematização já está expatriado de sua alteridade”.²⁹⁶

O fundamento do ser que reina é o Mesmo, e apesar de todos os obstáculos que surgem na história do ‘eu’, ele continua sendo o Mesmo, e transforma o ‘outro’ em ‘si Mesmo’. A ligação ‘fundamento-princípio-identidade’ e ‘ser-para-si’ trazem toda a experiência do ser para o ‘eu’, sendo sempre este o critério de sentido. Este critério permanece até mesmo através da ‘crítica’ e da ‘autocrítica’.

Como já vimos, ao desconfiar de si, o ser pode lançar mão da ‘recordação crítica’, mas se esta encontrar resistência é possível que a iniciativa do ‘eu’ venha a fracassar, surgindo ‘a identificação’ como forma de esclarecimento e compreensão.

²⁹⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 91.

²⁹⁶ KUIUAVA, *Subjetividade transcendental e ...*, p. 170.

Além da resistência há ainda um outro fator pronto para impedir a crítica e a autocrítica: o desejo de dominação através das representações intelectuais. Um desejo frágil, pois não há consciência do domínio. Por isso as representações podem apagar o sentido de dominação, deixando uma abstração sem sentido, dirigida à realidade de modo inadequado, provocando a necessidade de ultrapassar essa abstração para conseguir uma nova intencionalidade. As justificativas dadas, então, para a rejeição são frágeis, e não cabem na atual conjuntura da sociedade, mas o receio de perder o domínio da situação traz a intransigência e novas intencionalidades e justificativas.

Segundo Lévinas, quando o ser desconfia de si, isto já é uma desconfiança da consciência e do saber, e obriga o próprio ‘eu’ fazer uma análise da consciência. Dessa forma, a crítica pode se tornar autocrítica, e a luz se voltar para dentro do ‘eu’. “O ‘eu’ passa a ser um dado para si mesmo como reflexão, provocando uma espécie de cisão do ‘eu’. O ‘eu’ crítico interroga a má consciência”.²⁹⁷ Por sua vez, como esta foge ao controle, precisa ser resgatada ao ‘para-si’ da identificação. “A nova tarefa consistirá em recuperar, limpar, explicitar, clarificar, aproveitar as intencionalidades implícitas”.²⁹⁸

Susin nos explica que a autocrítica ocorre devido ao excesso de liberdade, que permite ao ‘eu’ uma suspensão de si mesmo:

O *surplus* de liberdade permite não só um salto sobre a realidade e uma colocação em parêntesis da realidade, mas também do próprio eu, uma neutralização e uma suspensão de si mesmo, do homem vivente que passa do ser ao ter, como posse do eu crítico.²⁹⁹

A ‘autocrítica’ leva a pessoa diante de um objeto absorver tanto a consciência na sua identificação, como o objeto pelo seu sentido. Ao mesmo tempo dá condições à pessoa de conservar a distância e a transparência necessária para esta autocrítica. No entanto, como já vimos, o ‘eu’ não consegue se criticar totalmente, e o trabalho da crítica, apesar de chegar a sua culminância, não consegue criticar tudo, existindo sempre algo que não foi criticado.

De acordo com Lévinas, o interesse está presente em todos os movimentos do ser. O ‘eu’ está sempre em busca da sua identificação, e nem mesmo o saber, a

²⁹⁷ A má consciência no mundo do ser é ingênua e provoca questionamentos. Trata-se de uma preconsciência.

²⁹⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 94.

²⁹⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 95.

crítica e a autocrítica conseguem, no mundo do ser, modificar o seu objetivo. “O ser é egoísta. Ou para não entendermos de forma moralista, o ser é egótico”.³⁰⁰

O objetivo do ‘eu’ quando retorna a si é a transformação do outro no Mesmo, sem reconhecer o outro em sua ‘alteridade’, enquanto ‘outro’. E quando esta redução do ‘outro’ para o mesmo não consegue ser feita, o ‘outro’ pode ser visto como uma ameaça, por colocar em risco a afirmação da identidade do ser.

3.3.2.

O outro: ameaça da identidade

Na interioridade não há alteridade em si. Se a alteridade aparecer já se expõe à assimilação, à posse, ao conhecimento. Mas, sem a presença do ‘outro’ ou seja, sem a exterioridade, não existirá interioridade, pois esta “se forma na relação de gozo, economia e saber”.³⁰¹ A esta relação com o ‘outro’; na qual o ‘eu’ não considera a alteridade do ‘outro’, Lévinas chama de ‘relação análoga de transcendência’. O ‘outro’ apesar de estar rodeando o ‘eu’, não é reconhecido pelo ‘eu’ como ‘outro’. Esta é a primeira autonomia do ser, havendo, então, uma separação que forma a interioridade.

Susin nos dá alguns subsídios importantes para entendermos as razões de Lévinas. Ele nos diz que apesar do ‘outro’ participar do gozo, estar junto dos elementos, sendo mediador, ele sempre aparece vestido.

Um vestuário que vai desde o rosto asseado, o corpo velado, a observância de regras de decência até às instituições e posições sociais, funções, etc, desde as quais se apresenta velado pela função, pela ação, pelo ‘enquadramento’. Sem as formas e a formalidade, o outro se apresentaria ‘nu’ em sua alteridade, e provocaria perturbação. Escandalizar-se será então o modo de incutir-lhe vergonha e obrigá-lo a se retirar como ‘in-coveniente’.³⁰²

O ‘outro’ aparece vestido através do charme, da beleza. Sem isso a nudez não é aceita, e precisa se retirar. Por exemplo, a nudez feia, brutal, doente, deficiente, etc., não traz gozo. Só na arte é que encontramos a exposição da nudez e mesmo assim, ela provoca inquietação e mistério. Na arte o ‘outro’ pode até fazer parte de algo, mas de qualquer forma não consegue ser como é realmente.

No nível econômico, o ‘outro’ é promessa de intimidade, de energia, de

³⁰⁰ IDEM. Anotações pessoais de SUSIN, enviadas para mim por email, 2011.

³⁰¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 102.

³⁰² IDEM. Ibidem, p. 103.

saída em direção ao futuro através do eros, da voluptuosidade e carícia. No entanto, continua a não ser visto pela sua ‘alteridade’.

Na casa, a alteridade é resguardada, pois a partilha acontece na intimidade, de modo a ficar distante de novas posses. Segundo Lévinas “A morada, a habitação, pertence à essência – ao egoísmo – do eu”.³⁰³ Entretanto, até na intimidade da casa e do outro, o ‘eu’ também pode ir além de sua condição, e apropriar-se do ‘outro’ negando a alteridade por trás da intimidade.

Já o colaborador, o trabalhador, o companheiro de negócios, o comerciante, etc, podem se inquietar, pois são separados como alteridades, e possuem as mesmas possibilidades de quem está a sua frente e também quer possuir: terra, trabalho, dinheiro, etc. Mas essa aproximação não se dá pela alteridade, pois não há condição de fazer negócio com a alteridade; apenas com e pela economia. Para a relação econômica acontecer, ela traz regras de mediação que resguardam ‘um’ do ‘outro’. Essas mediações são as leis econômicas para ser possível fazer o intercâmbio.

O grande perigo existente na negociação ocorre quando um ‘eu’ quer ir além das condições, e ele próprio coloca as condições, tirando a força da mediação externa e resguardadora. Quando isso acontece, provoca um confronto baseado na lei do mais forte: assassinato, guerra, corrupção, tirania, hegemonia. Trata-se de um processo que pode ir até o fim, levando às piores consequências por não haver o reconhecimento da alteridade.

No nível do saber, o ‘outro’ é representado. Mas, como realmente ‘outro’, ele fica de fora. Para Lévinas, o que impede de se pensar o ‘outro’ com sua alteridade é que normalmente a exterioridade está interiorizada para si mesmo. Mesmo “quando se pretende conservar um relacionamento, na simpatia ou na empatia, a intencionalidade existente no ‘eu’ que acolhe e compreende o ‘outro’, irá reduzi-lo a um *alterego*”.³⁰⁴ Por outro lado, o respeito ao ‘outro’ não se submete apenas à razão, pois esta é insuficiente para deter o ‘eu’ em expansão. O que rege o princípio do gozo e da posse é o prazer.

Quando o ‘outro’ aparece, e ameaça a identificação do ‘eu’, o ‘eu’ procura torná-lo um mesmo para si, e depois no mesmo. Na economia através das regras

³⁰³ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p. 136.

³⁰⁴ *Alterego* – um outro eu.

de mediação, mesmo não reconhecendo a alteridade, pode haver um relacionamento pela ‘necessidade’, embora o ‘eu’ possa ir além para apropriar-se do ‘outro’.

Na realidade, o ‘outro’ quando não é um igual capaz de se tornar o Mesmo é sempre ameaça para o ‘eu’. Em casa, no trabalho, nos relacionamentos sociais, políticos, religiosos, na vida em geral, o ‘outro’ ou não é reconhecido por estar vestido, ou acaba por inquietar, perturbar, sendo visto como uma ameaça.

3.4.

A revelação da alteridade chocante

Após acompanharmos a trajetória do ‘eu’ no reino do ser, vendo como o ‘eu’ reduz tudo a si mesmo, e como o ‘outro’ aparece diante do ‘eu’ sem alteridade, como ameaça da identidade, podemos, segundo Susin, dizer que para Lévinas, “ser mesmo é mal”.³⁰⁵ Não se trata de um mal que precise ser curado. “Se é culpado por algo por ser erradamente: é-se culpado simplesmente por ser”.³⁰⁶ Korelc³⁰⁷ confirma essa posição. Para ela, segundo Lévinas, a necessidade de se pensar a evasão do ser acontece pela “necessidade da superação do mal no ser”. [...] “O ser é a afirmação de si, o movimento de persistência no próprio ser que, no ente humano, impõe interesse por si e indiferença diante dos outros.”³⁰⁸

De acordo com Lévinas, a primeira possibilidade de resposta ao ser pode acontecer no ‘sofrimento’ e na ‘proximidade da morte’. Uma resposta misteriosa e ao mesmo tempo ameaçadora, pois a morte relaciona-se com o ser, mas ela não é melhor que o ‘ser’; não tem palavras. Só a fecundidade, a família e a descendência podem trazer uma resposta consoladora no ser. Porém, Susin nos diz, “elas estão acima do ser, com os pés no ser”.³⁰⁹ Acima, porque a fecundidade, a família e a transcendência, ultrapassam o ser, não findam com ele, estão ligadas à diacronia do tempo. Estão com os pés no ser, porque dependem do ser. É através do ser que ocorre a fecundidade, a formação de uma família e sua descendência.

³⁰⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 195.

³⁰⁶ IDEM. *Ibidem*.

³⁰⁷ Doutora em filosofia pela PUC-RS, é professora da Universidade Federal de Goiás. Autora de diversos artigos sobre Lévinas. Entre eles; Sobre a subjetividade como condição de sentido na fenomenologia de Lévinas; O problema do ser na obra de Lévinas; etc.

³⁰⁸ KORELC, Martina. *O problema do ser na obra de Lévinas*. Disponível em site: http://bibliotec.a.universia.net/html_bura/ficha/params/title/problema-do-ser-na-obra-levinas/id/10841348.html.

Acessado em 15/04/2011.

³⁰⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p.195.

A procura de Lévinas “não é por um ser melhor, mas um melhor que ser, um diferente do ser”.³¹⁰ A palavra ser com todos os seus significados não encontra no ‘mundo do ser’ sentido para o ‘ser humano’. O que pode romper e resgatar o ser é a imposição de algo que venha de fora do mundo, provocando uma saída do ‘eu’ dele mesmo e do seu ser.

O ‘outro’ que vem de fora é o ‘bem além do ser’. O bem puro e incontaminado. Não se trata de um novo ser, mas do ‘Outro’³¹¹ que vem ao ser e se revela porque é o ‘Bem’.

Este é o destino da subjetividade:

Um destino de eleição, de responsabilidade de um-para-o-outro e de universalismo, onde se articula a messianidade da subjetividade em resposta ao Bem, superando a idolatria de si mesmo e a errância pagã no ser.³¹²

Para Lévinas, o ‘reino do Bem’ surge a partir do ‘outro’, pois só nesta relação com o ‘outro’, o ‘eu’ poderá ser salvo do ‘mal de ser’. Mas quem é este ‘outro’ que Lévinas persegue, cuja alteridade é pura e real?

Susin nos informa que este ‘Outro’ não está ‘no mundo, nem no ser’. O ‘Outro’ vem de ‘outro tempo’, mas transporta ‘o tempo ao presente’ através da diacronia dos tempos. O ‘Outro’ é impensável, incompreensível, mas ao mesmo tempo é positivamente e concretamente ‘outro’.

O ‘outro’ é o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro, modelos concretos de alteridade que o Antigo Testamento³¹³ mostra como aliados da transcendência mesma de Deus que toma a sua ‘causa’, zelando por eles, exigindo que lhes faça justiça. Para o cristão, o Novo Testamento³¹⁴ traz como o ‘escândalo do cristianismo’ Deus se colocando ao lado dos que sofrem, dando a eles prioridade, atendendo as suas necessidades, ao mesmo tempo em que o próprio Deus sofre, é marginalizado, e morre numa cruz.

A quatriáde bíblica representada pelo pobre, o doente, o fraco, o discriminado, o perseguido, e o escravo; enfim, todo aquele que está no mundo, mas se encontra perdido em relação ao mundo e a si mesmo, pois não é aceito pela

³¹⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p.195.

³¹¹ Infinito, Deus.

³¹² IDEM. Ibidem.

³¹³ BÍBLIA, Ex 22,22; Dt 10,18; Dt 14, 29 ; Dt 16, 11. 14 ; Dt 24, 17.19. 20. 21; Sl 146, 9; Jr 22, 3; Zc 7,10.

³¹⁴ IDEM. Ibidem. Tg, 1,27; 1 Tim 5,4, etc.

sociedade, não tem cidadania. Todo aquele que não tem gozo no mundo, nem felicidade, não pode dominar, pois está impossibilitado de satisfazer suas necessidades. Sua interioridade não tem projetos, nem possibilidades, pois é “solitário, sem obras, sem história, sem recursos e sem economia, sem energia humana e sem bondade no ser”.³¹⁵

Lévinas, como judeu, traz das Escrituras ‘o marginalizado’ que sofre todas ‘as impossibilidades de ser’, e por este motivo está ligado às exigências morais de reconhecimento e justiça. De acordo com este filósofo, só a ‘consciência moral’ pode reconhecer o ‘outro’, e a única possibilidade disso acontecer ocorre pela ‘intervenção moral do outro’, sob a iniciativa do ‘outro’. Esta ‘consciência moral’, Lévinas não admite que seja fruto de uma ‘boa vontade’, ou de uma ‘opção do eu’, pois isto retiraria do ‘outro’ sua ‘alteridade’. Nem tampouco aceita qualquer caridade piedosa que ofenda a ‘alteridade’ do marginalizado por fazer parte da ‘boa vontade’ e da ‘liberdade’. A justiça ao ‘outro’ precisa existir independente de projetos, de liberdade, de opções. Ela existe porque o ‘outro’ é eleito por Deus antes de vir ao ser; ele é hospede e mestre a partir da sua transcendência de alteridade. O marginalizado não pode ser equiparado a quem está à sua frente porque é mais alto do que o outro por estar mais perto de Deus, e mais baixo por não ter cidadania.

A quatriade bíblica nos indica que o ‘outro’ é hospede, olhar, palavra.

O ‘outro’ é ‘hóspede’ absoluto neste mundo, e se entrega ao dono numa relação ‘proprietário e estrangeiro’ em todas as suas necessidades. Não pertence a este mundo. É ‘olhar’, pois é aquele que ‘não tem nada’. Seu ‘olhar’ é ‘nudez informe’, exposição externa e extrema, sem nenhuma defesa, e por isso é imediata sinceridade. É uma ‘palavra-olhar’ cheia de honra. É ‘palavra de mestre’ que como vem de fora, pode ser ‘alteridade e magistério’. Pode ser o autor da sua própria ‘palavra’, indo muito além de ensinar, pois é capaz de ultrapassar as obras, os fatos e as idéias.

O ‘outro’ ensina ainda a ‘transcendência’, pois é autoridade e mandamento. Uma autoridade que não está fundamentada no ‘ser’ ou na ‘razão’, mas na ordem do mandamento ‘não matarás’. Para Lévinas “a fruta proibida do paraíso é ‘o outro’”.³¹⁶ A criação do mundo por Deus teria sido colocada no início das

³¹⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 201.

³¹⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 211.

Escrituras para que sejamos capazes de compreender que o ser humano é apenas um hóspede na terra, e que todos nós temos direito à mesma hospitalidade oferecida por Deus. A própria narrativa já é um mandamento, e “quando se diz Deus é misericordioso, o mandamento está ordenando, sede misericordiosos”.³¹⁷

O mandamento é ‘palavra’, é o ‘olhar’ dizendo ‘não violência’, junto com os mandamentos ‘não matarás, não furtarás, etc’. Entretanto, a obrigação para com o mandamento é apenas ‘ética’. A ‘ética’ é a impossibilidade de se escapar ao ‘olhar’ que observa desde o mandamento, mesmo quando este é violado. ‘É o mesmo ‘olhar’ onipresente a Caim após o crime, dizendo que diante do ‘olhar’ não há desculpas.

De acordo com Lévinas, a relação ‘face a face’ é uma atitude moral que impede a totalização. Por exemplo, o que uma pessoa exige de si própria, não pode exigir do ‘outro’ porque não decide por ele. Não há como o outro ser obrigado a reagir igual, pois está separado d@ seu/sua interlocur@. Dessa forma, é uma relação assimétrica metafísica e ética que provoca uma irreciprocidade interpessoal. Só é possível se relacionar com o ‘outro’ como ele é.

Susin nos diz que para Lévinas “a autoridade de quem está face a face com o outro vem da sua interioridade, e a autoridade do outro é oriunda da sua alteridade”.³¹⁸ Uma relação que não pode ser comparada, pois como a orientação vem do ‘outro’, - e ele é sempre imprevisível, - a relação é incerta, pois é impossível saber como agirá. O ‘Outro’ é Infinitude, transcendência, e possui uma perfeição de outra ordem que traz brilho próprio. “Só à luz do Infinito e perfeito é possível ver o finito e o imperfeito”.³¹⁹

O ‘outro’ não é deste mundo e não se acomoda ao presente, não obedecendo ao tempo. A ‘alteridade é uma novidade que revela uma antiguidade desconhecida, pois o ‘outro’, - que é anterior,- não pode ser dominado neste tempo, e “é por causa de sua irrupção, imprevisibilidade e a impossibilidade de medidas que o ‘outro’ se torna incômodo, inquietante, desarticulante, inconveniente, indomável, livre”.³²⁰

³¹⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 211

³¹⁸ IDEM. Ibidem, p. 217.

³¹⁹ IDEM. Ibidem.

³²⁰ IDEM. Ibidem, p. 219.

O ‘outro’ é separado em relação ao mundo, e esta ‘alteridade’ é que o constitui como ‘outro’, e não permite transformá-lo em identificação do Mesmo. Dessa ‘relação com o outro’ totalmente diferente vem a ideia de Infinito. “O ‘outro’ é o ideal mais alto que a noção de ideal que provém dele”.³²¹ E por ser ‘ideal’ é que o ‘outro’ suscita respeito à sua diferença e alteridade’ radical. É o distante, o infinito que visita, que se aproxima e se torna mais próximo do que a própria pessoa. Mas, apesar de ‘vir de além’, não significa que esteja chegando de um novo horizonte ou de outro lugar. O ‘outro’ se encontra no mundo do ser. E é através dele, com o choque que provoca, e através da ética, constituída pelo questionamento que o outro provoca, pela vergonha e o recuo do movimento solitário de domínio sobre o outro, que pode se dar à inversão da subjetividade, saindo de si para o ‘outro’, e reconhecendo sua alteridade.

A ética é um processo que começa no finito, mas no momento que ocorre a revelação, ocorre a inversão. Na ética o ser humano é chamado a dar o grande passo para a maturidade, a assumir responsabilidades através da sua própria decisão. A primeira palavra cabe ao ‘outro’, e questiona. “A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder.”³²² Ela reúne as características necessárias para dar responsabilidade à subjetividade, ao mesmo tempo em que aprofunda sua unidade com ‘responsabilidade’ e ‘bondade’. Ela traz em si o relacionamento social e o religioso, sem ideologia ou mito, permitindo que o ser humano possa ser um adulto sociável e religioso.

3.5

As dificuldades do mundo do ser

Deveria ser fácil fazer essa inversão para vivermos a ética, transcendendo e nos direcionando para o ‘outro’, assumindo a responsabilidade pelo ‘outro’, já que, como veremos, esta é a missão que nos foi dada antes de virmos ao ser. Se vivêssemos a ética como nos propõe Lévinas teríamos um mundo sem violência,

³²¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 225.

³²² LÉVINAS, *Totalidade e...*, p.192.

um mundo de justiça, de glória e paz. Mas a finitude do ser humano lhe traz uma série de dificuldades que junto com a filosofia da sociedade ocidental, parece ser quase uma utopia pensar em uma experiência metafísica. Por este motivo, achamos importante refletir um pouco sobre as dificuldades do humano no mundo do ser.

3.5.1. Possibilidades e impossibilidades

O ser, em seu mergulho existencial no mundo do ser, enfrenta uma série de possibilidades e impossibilidades. A primeira é dada pelo corpo. Sua primeira impossibilidade é provocada por um outro ser, pela sua vontade e materialidade.

O ser é frágil e precisa enfrentar sua nudez e lutar pela vida através do seu próprio esforço. Ao acompanharmos a trajetória da subjetividade vimos que ela precisa tirar sua independência da dependência. Portanto, se os elementos dos quais tirava sua independência faltarem, a subjetividade se perde, e não há mais a independência feliz e soberana. Susin nos diz que essa é a dramaticidade existencial: “o esforço e a dor por ser”.³²³ O ser precisa trabalhar para sobreviver.

Dessa forma, quando o trabalho não sustenta as necessidades básicas, ou falta trabalho, não existe uma base para que o ser seja soberano e nem para ir ao ‘outro’. Se não houver pão, não haverá casa, não haverá porta, não haverá proteção para se ter intimidade, ameaçando toda a interioridade e a possibilidade econômica. O trabalho será sem gozo, sem economia. Será apenas trabalho por sobrevivência, mas sem futuro. Este tipo de trabalho é uma realidade no Brasil, e no mundo, pois é fruto de “uma sociedade desorganizada que não deixa tempo, nem consciência, colocando uma distância entre o ser e o mundo do qual depende”. É o caso do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Todos estão ligados ao mesmo destino, estão excluídos e marginalizados. Suas necessidades são insatisfeitas, e “eles não têm intimidade, nem futuro, nem habitação, portanto não há como existir o eu soberano”.³²⁴

Para Lévinas, a ação faz parte do ser no mundo, pois está ligada ao ‘eu’ corporal e à vontade que exerce materialmente. Portanto, o ser, para se sentir vivo,

³²³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 114.

³²⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 116.

necessita agir, empreendendo e aspirando alguma coisa. É preciso agir, e ser no mundo, e o caminho disto é a luta. O trabalho é fruto do suor, do esforço feito pela necessidade.

Na interioridade do ser surge a vontade e dela “vem o agir no trabalho, na obra, e torna-se fenômeno, surgindo o risco de traições, apropriações, roubos, violência”.³²⁵ Para tratar das inúmeras vontades existentes, toda sociedade tem suas mediações para agirem como defesa, administrando os ‘eus’ em expansão, procurando cuidar dos interesses de todos de modo igualitário. Para conseguir seu intento, dentro da racionalidade pública do Estado, a ‘administração’ leva à supressão de singularidades, e o indivíduo é tratado como universal, pois os critérios usados pela administração para medir o indivíduo são externos e gerais. Dessa forma, muitas vezes existe a dificuldade do indivíduo se reconhecer nas administrações que existem para seu auxílio. Apesar dessa dificuldade, Lévinas acredita que ainda assim esses ‘critérios’ sejam melhores do que a proliferação da violência, pois “os primeiros a sofrerem com o aumento da violência são os marginalizados, os oprimidos, os que não tem reconhecimento, e já vivem na dificuldade de ser”.³²⁶ Entretanto, este combate à violência, usado na administração, pode se expandir e tornar-se propagação da violência e tirania.

Para haver um equilíbrio social é preciso se conseguir harmonizar as diversas forças antagônicas, produzindo uma paz oriunda de uma violência controlada, necessária e racional. Quando não se consegue este equilíbrio a violência se expande e como consequência pode surgir a tirania, ou seja, a dominação da vontade alheia, que acontece pela corrupção e usurpação do corpo e animalidade.

A mediação que procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania é feita pelo Estado. Uma ordem racional cuja função é de vigiar e normatizar a liberdade e a vontade nas relações entre ‘outros’ e ‘entre si’ através de “leis visíveis e duradouras, e autoridades com poderes reconhecidos de instituir, sancionar e revogar, havendo proteção contra o abuso, reconhecimento e igualdade”.³²⁷ Mas o Estado também pode tirar as mediações e colocar as leis de modo não equilibrado, partindo para dominar as pessoas e instituições em função de seus interesses, exercendo violência, e perseguindo aqueles que de alguma

³²⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 116.

³²⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 194.

³²⁷ IDEM. *Ibidem*.

maneira não se enquadram dentro dos interesses do Estado. Normalmente estes são grupos minoritários e marginais, que apesar de serem os que mais precisam do Estado, ficam à margem, e de modo geral, só recebem atenção quando são vistos como ameaça. Para esses grupos, a lei pode desaparecer pela assimilação ou pela destruição dos que a ameaçam. Como diz Lévinas, “a razão garante poder e vitória a quem tem mais poder”.³²⁸

Mas na sociedade de tantos ‘eus’, podem surgir situações que nem o próprio Estado seja capaz de controlar. Entre eles, citamos o estado de guerra, que Lévinas afirma ser a situação mais ‘antimessiânica’ existente, já que “a paz é o grande bem da era ‘messiânica’”.³²⁹

Ao verificar as condições ontológicas e antropológicas que possibilitam o estado de guerra, Lévinas constata que a guerra revela o ser, totaliza, e instaura a sua própria ordem. Para quem está envolvido é como se fosse apenas um trabalho. Só quando consegue enxergar a transcendência do ‘outro’, percebendo o seu antagonista como ‘outro’, um hóspede no mundo do ser, possuidor de um olhar e de uma palavra, os ser percebe que a guerra não é apenas um trabalho, mas ‘violência e guerra’.

Na transcendência do ‘outro’ que se recusa à totalização e à dominação, encontra-se o maior perigo no mundo do ‘eu’; a recusa do outro à totalidade. Esta recusa pode receber a recusa do ‘eu’ a transcendência, e este desejar totalizar o outro de qualquer forma: vivo ou morto.

A violência da guerra traz a morte. O assassinato atinge o auge da violência, e transforma-se em impotência. Nele não se precisa manter mais nada, é a totalização pela total negação, pela aniquilação e desaparecimento da vítima.

O assassinato é a visibilidade de uma vida sem ética, e a única resistência da vítima acuada é a ética pelo seu poder de alteridade. Quando se mata alguém não se busca apenas destruir um corpo, mas a sua alteridade.

Segundo Lévinas

Só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa infinitamente os meus poderes e que desse modo não se opõe a isso, mas paralisa o próprio poder de poder. Outrem é o único ser que eu posso querer matar.³³⁰

³²⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 129.

³²⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 130.

³³⁰ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p. 193.

Entretanto, a alteridade expressa no olhar da vítima, leva, mesmo que seja por um momento, @ assassina@ ao desferir o golpe, reconhecer moralmente o ‘outro’ em sua transcendência, sabendo que não há desculpa para a sua violência. “O infinito apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes, e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria”.³³¹ Se o ‘eu’ conseguir compreender esta miséria, esta nudez, não mata, ao contrário, se aproxima do Outro, “mas a identificação da morte com o nada convém à morte do Outro no assassinato”.³³²

O grande problema de quem faz a mediação da sociedade, mesmo os neutros, como a história, as ciências, a linguagem e a ontologia, que estão ligados ao conhecimento e foram feitos para servir a soberania do ‘eu’, é que se tornaram totalidades, servindo para medir o ser, tornando-se mais uma barreira para o ‘outro’ enfrentar. Um deus que possui a verdade e sua explicação é a final.

A história busca conquistar o ser como história, e para isso se une ao poder, colocando-se como horizonte último. As ciências, principalmente, as ciências humanas, da mesma forma que a história, desejam ser a explicação última e estabelecem o padrão antropológico ideal, não contando com as singularidades. Neste caso o mediano que coincide com o padrão é obsoleto, e o caso fracassado é posto à margem. Até a linguagem é deturpada e usada para iludir decidindo a verdade pelo tema. A subjetividade fica reduzida e obrigada a uma obediência que vem da astúcia e corrupção da vontade e da liberdade. E a ontologia como filosofia primeira, acabou deixando de articular a missão do ser como cumprimento da justiça para transformar-se na filosofia da injustiça e do poder, procurando colocar a sociedade contra aqueles que reagem à suposta ‘não-violência’ de uma totalidade harmoniosa apenas na aparência.

Segundo Lévinas,

Para a tradição filosófica, os conflitos entre ‘o Mesmo e o Outro’, resolvem-se pela teoria em que o Outro se reduz ao Mesmo ou, concretamente, pela comunidade do Estado em que sob o poder anônimo, ainda que inteligível, o Eu reencontra a guerra na opressão tirânica que sofre da parte da totalidade.³³³

Dessa forma quando o ‘ser’ responde, procurando romper com a totalidade,

³³¹ LÉVINAS, *Totalidade e ..*, p. 194.

³³² IDEM. Ibidem, p. 230.

³³³ IDEM. Ibidem, p. 34.

ele possivelmente provoca sofrimento e morte.

Para Lévinas, a morte está relacionada com o ser, mas não é melhor que ele. Para responder e romper com a totalidade harmoniosa da sociedade, onde se reduz tudo ao Mesmo, de modo a humanizar o ser e a sociedade, a única possibilidade é encontrar ‘um melhor que ser’, algo ‘diferente do ser’. Para Lévinas, o que pode romper a subjetividade e resgatá-la é o que vem de fora do mundo, o ‘Outro’, com sua chegada provocando um impacto tão forte que venha a forçar o ‘eu’ a sair de si mesmo e transcender; a ética.

3.6.

A tríade bíblica da atualidade.

Com base em tudo que vimos neste capítulo iremos, agora, relacionar o pensamento de Lévinas ao nosso tema: ‘o preconceito e a discriminação’ da sociedade contra os grupos que fogem ao padrão ideal antropológico criado pela sociedade ocidental. Em destaque, a mulher, o negr@ e o homossexual; a tríade bíblica da atualidade. E a partir daí, responder algumas perguntas que surgiram ao final do nosso primeiro capítulo. 1. Porque há tanta dificuldade na aceitação daquel@s que fogem ao padrão paradigmático da sociedade? 2. De onde vem o desejo de dominar o outro? 3. Porque o desejo de eliminar o diferente? 4. Este desejo ocorre em todo o ser humano? 5. Haverá uma forma de se transformar uma sociedade violenta, onde o preconceito e a discriminação tem sido sua marca, em uma sociedade inclusiva? 6. Como se fará essa transformação? 7. Que tipo de evangelização poderá ser feita para que o Crist@o não seja aquel@ que discrimina o ‘outro’, diferente del@ mesmo, mas, ao contrário, possa ser um@ agente de mudança del@ próprio, da sua comunidade e da sociedade ocidental?

Para responder a estas perguntas, vamos penetrar na trajetória do ‘eu’ no ser Levinasiano mergulhado na existência.

O ser vem ao mundo do ‘ser’ e o seu ‘eu’ sai ao mundo em busca da sua própria felicidade. Esta busca é o seu principal objetivo. Ele sai de si, vai ao mundo e sempre volta para si. E, como tem dificuldade de reconhecer a alteridade, pois o ser tem sua subjetividade fechada para o ‘outro’ por estar na busca da

afirmação da sua identidade, procura reduzir sempre o ‘outro’ a si mesmo, a um igual, a um mesmo.

Para impedir que o ‘eu’ faça essa redução e possa haver relações econômicas, existem regras de mediação no ‘mundo do ser’ que resguardam um ser do outro a fim de se poder realizar o intercâmbio. Essas mediações são leis de economia, organizadas pelo Estado que visam harmonizar os inúmeros eu’s. Mas o ‘outro’ quando não é visto em sua alteridade, e não pode ser reduzido a um mesmo, pode ser percebido como uma ameaça, e o ser pode ir além das condições impostas pelas mediações, colocando suas próprias condições, tirando, portanto, a força da mediação externa. Sem a intermediação o ‘eu’ procura anular ou eliminar o diferente.

É exatamente isso que acreditamos ocorrer em relação ao preconceito e a discriminação contra a mulher, o negro, e o homossexual. Est@s são as alteridades não reconhecidas pelo ‘eu’. Pertencem a grupos que diferem do padrão antropológico ideal, e quando seus interlocutores os vêem como inferiores e rejeitam suas alteridades, querem reduzi-los a si mesmos. Devido às normas trazidas pelas mediações sociais, o ser pode conseguir conviver com o diferente, obedecendo às normas, reprimindo e controlando seus atos discriminatórios, embora estes existam ocultos e subjetivos. Porém, ao sentir-se ameaçado pela alteridade que não aceita no ‘outro’, o ser pode ultrapassar as mediações e procurar anular ou excluir o diferente através de atos ‘discriminatórios’ abertos e objetivos, que podem chegar à extrema violência e até à morte.

Ao apresentarmos a história d@ homossexual, no primeiro capítulo, mostramos que para a psicologia social já existe, na atualidade, uma transformação quanto ao preconceito em relação a este grupo, e que a sociedade ocidental está em processo de aceitação @o homossexual. Um processo demorado porque as imagens negativas estão interiorizadas, e levar-se-á um tempo não muito curto para transformá-las em positivas.

De acordo com Susin, em Lévinas este processo de aceitação só é possível acontecer pela ética. O ‘outro’ que vem de fora se desvela, e ao se chocar, provoca na má consciência³³⁴ um questionamento que pode desencadear um desejo ético

³³⁴ Para Lévinas, a má consciência é a consciência sem a máscara de um personagem que contempla o mundo para se ver. É ela que nos permite resistir à compreensões intelectuais, e à

metafísico. Este desejo, então leva o ‘eu’ a inverter ou converter a sua trajetória, saindo de si mesmo para o outro.

Para Lévinas, “o desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como bondade – o desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite.”³³⁵

Lévinas situa a mulher na casa, no relacionamento familiar, como aquela que se apresenta com alteridade, que constitui o lar e ao mesmo tempo reside no mistério além da posse e da intimidade, por isso mesmo importantíssima enquanto ‘*famme*’ na relação familiar.³³⁶ No entanto, ao longo da história e até mesmo na atualidade, verificamos a tentativa de transformar a mulher num mesmo, ou abafá-la, e em situações mais graves, eliminá-la. Em relação @o negr@ e @o homossexual, também sempre foi visível a tentativa de afastá-los, transformá-los ou eliminá-los da sociedade.

Como vemos, a reação ao diferente de si é sempre muito forte, e nem o conhecimento e o saber através da crítica e da autocrítica consegue transformar o ser porque são elementos do ‘mundo do ser’. Por este motivo vemos que com todo conhecimento que, hoje, se possui sobre estes grupos, capaz de desfazer as questões relativas às diferenças que os consideravam inferiores, sempre existem pessoas, inclusive cientistas, que contestam e não conseguem modificar sua visão de inferioridade. E constatamos a dificuldade de diminuir o preconceito e a discriminação na sociedade ocidental.

Até mesmo as intermediações, que surgiram pela necessidade de se agir em defesa dos cidadãos e administrar em prol de interesses comuns da sociedade consideram como ameaça, os grupos que diferem do padrão ideal ou paradigmático. Os critérios que os responsáveis pelas intermediações usam para medir o indivíduo são externos, universais e racionais, não havendo lugar para singularidades, nem para minorias. O Estado, por exemplo, procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania, mas sua administração visa o interesse de um ‘eu’ universalizado. Quando o Estado em favor do ‘bem comum’ passa a impor condições, os grupos que não se enquadram de alguma forma no padrão

razão, tornando-nos capazes de sair de nós mesmos para o outro. Cf. LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 229.

³³⁵ IDEM. *Totalidade e ...*, p. 20.

³³⁶ O feminino na relação familiar. IDEM. *Ibidem*, p.147.

são, logo, perseguidos. Alguns desses grupos são minoritários, como @s homossexuais (cerca de 10% da população)³³⁷, mas outros, como os da mulher não são minoritários, porém estão ou estiveram fora do poder por muitos séculos. Por isso são mais fracos, precisando da ajuda do Estado em sua defesa e em projetos de políticas públicas. @s negr@s, no Brasil, após a abolição, tiveram uma diminuição considerável pela política de branqueamento. Mas, ao se chegar ao término desta política, e ao início da democracia racial, voltaram a crescer e hoje, se contarmos pard@s, mulat@s e negr@s já se estima que tenhamos 50% da população³³⁸ ou até mais um pouco. Entretanto, apesar disso, ainda, na atualidade, “o analfabetismo da população afrodescendente no Brasil, de 15 anos ou mais, está na faixa de 14,1%, enquanto a faixa da população branca é de 6,1%”.³³⁹

Todas estas realidades nos fazem voltar ao marco teórico de Lévinas.

Em relação à dominação do ‘outro’, Lévinas nos diz que no nível do saber, o ‘outro’ é representado intelectualmente, mas como ‘Outro’³⁴⁰, sua alteridade fica fora da interioridade. Por isso, é impossível o ‘eu’ pensar no ‘Outro’ como ‘outro’, não estando aquele interiorizado em si mesmo.³⁴¹ O ‘eu’, na verdade, desconhece o ‘Outro’.

A desconfiança do ‘eu’ em si mesmo, pode provocar uma recordação crítica, mas o ‘eu’ encontra resistência durante o processo crítico, surgindo o esclarecimento e a compreensão como uma teoria de justificação. Por exemplo: ao se rejeitar um cargo de comando à mulher, afirma-se que “a mulher é feita para obedecer”³⁴²; ou afirma-se que “o negro tem dificuldade de aprender”,³⁴³ sendo

³³⁷ CAMARGO, Aline. *População gay equivale a 10% do povo brasileiro*. Livrevista: a revista do senso incomum. Disponível em site: <http://www.livrevista.com/article.php?id=805>. Acessada em 26/03/2011.

³³⁸ Em 1976 a população branca era de 57,2% e a de negros 40,1%. Em 1987 negros e pardos eram de 43%; em 1996 eram de 44, 3% ,e em 2006, 49,5%. Estima-se que a partir de 2010 seja de 50%. Cf. IPEA - Instituto de pesquisa econômica. *Desigualdades raciais*p.6

³³⁹ LUISE, Desirrée. *Para debater desigualdade racial, ONU institui 2011 como ano dos afro descendentes*. Disponível no site : <http://convivencianegra.blogspot.com/2011/02/para-debater-desigualdade-racial-onu.htm> l. Disponível em 08/02/ 2011. Acessado em 19/02/2011.

³⁴⁰ Colocamos o ‘Outro’ em maiúsculo aqui para diferenciar do ‘outro’. O Outro é o diferente, que não é possível reduzir em um ‘si mesmo’. O ‘outro’ é o que não sou eu, mas pode se assemelhar a mim, portanto possível de se reduzir em um ‘si mesmo’.

³⁴¹ IDEM. Ibidem, p. 91.

³⁴² MIRANDA, Liliana C. de. Revisão da Literatura. In: *A percepção da mulher no mercado de trabalho: Emprego, Carreira ou Vocação*. RJ: Ibme, 2006, p.62. Disponível em site: www.ibmecrj.br/sub/RJ/files/ADM_lilianamiranda_set.pdf. Acessada em 16/05/2011.

³⁴³ Para Rosemberg há uma ideologia racista que já é transmitida dentro da própria escola. "A criança negra é considerada, de antemão, o candidato mais provável à repetência por todo o aparato educacional -do professor ao diretor e ao secretário de Educação." Desde pequeno @

melhor contratarmos um branco; ou ainda, “não aceito gays porque a Bíblia diz que são abomináveis”³⁴⁴, etc.

Além disso, o ‘ser’ enfrenta o condicionamento da realidade pelo desejo de dominação. Este desejo, muitas vezes, é frágil e o seu sentido pode ser apagado, ficando apenas um desejo de dominação dirigido à realidade de modo inadequado, existindo, então, a necessidade de dar um novo sentido, uma nova intenção. Como exemplo, podemos citar uma instituição que não quer perder o domínio sobre seus membros, e coloca sua justificativa em cima de questões que já não fazem sentido para os nossos dias. Porém, ela insiste, porque por trás de toda justificativa está o desejo de dominação.

O desejo de dominação está em cada ser humano, na vontade de reduzir o outro a si mesmo. Mas este desejo pode passar do particular para o universal, e embora as mediações, como os órgãos institucionais do Estado, tenham a função de harmonizar as autonomias, as medidas empregadas para combater a violência podem se expandir e gerar ‘o despotismo, a ditadura, a hegemonia, a tirania’.

Junto com os órgãos institucionais do Estado, podemos colocar todo aquele que busca uma hegemonia no pensamento. Neste caso citamos o cristianismo que como vimos, caminhou lado a lado com o estado por muito tempo, e ainda hoje, no Brasil, apesar da separação existente ‘estado e religião’, “as igrejas cristãs continuam a lutar para que as leis e políticas públicas feitas pelo governo estejam de acordo com a moral oficial cristã estabelecida pelas igrejas.”³⁴⁵

Diante desta sociedade tão violenta, deste ser antropologicamente fechado, e voltado para si, Lévinas nos mostra que para transformá-lo em ‘diferente do ser’, em ‘melhor que ser’ só existe um caminho: a ética, pois esta abrange o ‘ser-para-além-do-ser’. Só a ética é capaz de unir o relacionamento social e o relacionamento religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em um adulto sociável e religioso.

Na ética, o outro representado pelo ‘pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’,

negr@ já carrega este estigma. Cf. EQUIPE DE TRAINEES. *Desigualdade racial começa na pré-escola*, 2001. disponível em site: http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/menos_iguais/x1310200115.htm. Acessada em 16/ 05/2011.

³⁴⁴ Cf. PLUGADOS COM DEUS. Disponível em blog: <http://plugadoscomdeus.blogspot.com/2009/02/biblia-gay.html>. Acessado em 16/ 05/2011.

³⁴⁵ É o caso das leis que envolvem a população LGBT. Como as igrejas não admitem em suas doutrinas, procuram impedir suas promulgações.

pode ser a luz, a abertura para que o ‘eu’ se abra à exterioridade e possa ver a luz do ser. Mas, diante do face a face, do choque ocasionado pela alteridade, o ser pode também rejeitar a alteridade, não transcendendo a si e continuando a ser um vivente. Como vimos anteriormente, pode ser alguém culto, bonito, mas não humanizado. Permanece cheio de preconceito, praticando atos discriminatórios cabíveis de conter forte violência. Porém, se a má consciência começar a se questionar, desconfiada do seu comportamento, pode surgir o processo de inversão do ‘eu’ de si para o ‘outro’, levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico; que é a ética.

A ética é o único meio de nos levar a um ‘humanismo baseado no outro’. “Um projeto que visa resgatar a transcendência da libertação do homem pelo homem”.³⁴⁶

Não é fácil em uma sociedade que estimula a autonomia e o Mesmo conseguir viver a ‘ética da alteridade’ proposta por Lévinas, pois os limites causados pela finitude do ser, trazem possibilidades e impossibilidades ao ser, e a injustiça tem sido uma realidade. Mas é dentro desse projeto de humanização do ser comandado pelo ‘outro’ que acreditamos estar a possibilidade de mudança da sociedade.

3.7.

Resumo do capítulo

Iniciamos este capítulo trazendo um pequeno resumo da biografia e obra de Emmanuel Lévinas. Em seguida refletimos sobre a vida de Lévinas dentro da perspectiva do ‘mundo do ser’. Depois passamos a conhecer o que Lévinas chama de ‘mundo do ser’ e de ‘mundo do Bem’. Vimos de modo resumido a trajetória do ‘eu’ no ‘mundo do ser’, onde estão presentes o mal e o bem, e o ‘eu’ em busca da sua felicidade, saindo de si mesmo para o mundo, e retornando a si. Nesse processo constatamos a formação do mundo econômico, a importância da casa e da família, onde a mulher é essencial para o humano enfrentar o mundo econômico e dar o salto para o saber, passando de vivente a racional. Mas, mesmo assim o ser no ‘mundo do ser’ continua a voltar para si, e nem a crítica e a autocrítica conseguem mudar o seu objetivo. E este volta sempre

³⁴⁶ MELO, *A ética da...* p. 278.

para si, reduzindo o outro a um mesmo para afirmação de sua identidade.

Ainda ‘no mundo do ser’, conhecemos ‘o outro’, e a dificuldade do ser em reconhecer a alteridade, surgindo então as intermediações para harmonizar os diversos ‘eu’s e procurar impedir a violência quando, apesar das mediações do mundo do ser, este ‘outro’ se desvela e é percebido como ameaça ‘ao eu’.

Vimos, então, que Lévinas percebe o ser fechado em si, egoísta, sem que haja possibilidade dele se transformar no ‘mundo do ser’. Então, Lévinas procura algo diferente do ser, além do ser, no mundo do Bem. Através da revelação da alteridade chocante, descobre o outro marginalizado, excluído, discriminado: ‘o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro’, que de tão diferentes, não podem ser transformados ‘em um mesmo’.

Pelo olhar sincero, a quatriáde bíblica nos revela Deus e nos remete a Ele. E Deus que pelos mandamentos nos observa no ‘face-a-face’ do ser humano, através do olhar do ‘outro’, nos nega a possibilidade de eliminar o ‘outro’. Ele, - Deus-, é bondade e não violência. O outro é ‘Olhar-palavra’ que como Mestre nos ensina, e nos possibilita através dele, nos transformar. A relação com o outro, com a alteridade, Lévinas nos mostra que só é possível através da ética, que é o ‘além do ser’, o Bem, o Infinito, ao qual chegamos pelo finito. Pois é só através do ‘outro’ que podemos chegar a Deus.

No próximo capítulo procuraremos responder as três últimas perguntas, aprofundando nosso conhecimento sobre a ‘ética da alteridade’, de ‘como’ realizaremos este projeto de humanismo, e finalmente, como o cristão poderá ser um agente de transformação constante dele mesmo, da sua comunidade e da sociedade ocidental, de modo que ‘a mulher, @ negr@ e @ homossexual’, e todos os discriminados façam parte deste projeto. Mas, da mesma forma que a quatriáde bíblica, todo aquele que sofre injustiça é subjugado, explorado, desrespeitado, e por isso, encontra-se mais baixo do que aquel@ que está a sua frente, pois não tem a mesma cidadania, e mais alto porque está mais perto de Deus. Deus se encontra junto com os sofredores, os discriminados e excluídos, como o escândalo do cristianismo nos revela, e são eles que podem ajudar a cada um de nós, não nos guiarmos por um ‘modelo universal’, mas respeitarmos e aceitarmos o Outro’, na sua singularidade, como ele é.